

# luto-19

Ana Pacheco<sup>1</sup>

Todos me olham, o que, por um lado, é o que desejamos a vida inteira, por outro, é constrangedor. Pararam para me observar mas nenhum deles se agacha. Ninguém se atreve a pôr as mãos em mim. Talvez tenham minhas garras de fora, mesmo no corpo inerte. Mais do que o sangue preto coagulado no asfalto. Não consigo me mexer.

Oito, sem contar o cara lá de trás, o de óculos escuros, grisalho quase branco, passando a língua nos beiços. Também sem contar a pequena multidão emperrada atrás dos oito, com pressa de seguir adiante. O cara de trás olha pro outro lado e em frente, não para baixo. Na direção dos que não pararam, aqueles para os quais meu grupo de espectadores é um pequeno estorvo. Porém sua expressão diz o contrário: nem com isto, com a obrigação de seguir, ele se preocupa muito. Sua diagonal é a mesma do homem invisível, só um cotovelo saindo da camisa deselegante. Se a cena é em São Paulo, o homem cortado certamente não tem emprego fixo. Trabalha fazendo bicos e ganha com isso pouco mais do que ele computa como “os ganhos da informalidade”. Talvez finja orgulhar-se disso na ceia do 24 de dezembro, quando o irmão vem com o terno do trabalho porque não teve tempo para uma ducha. Na verdade, o irmão quer mostrar que não teve tempo, porque o seu tempo é dinheiro, vale mais que o dos outros. O irmão está desempregado há seis semanas, todos sabem, na roleta-russa do Papai Noel o tambor gira seis vezes por bala, mas ele ainda tenta manter o teatrinho. Se não puser o pescoço pra fora do terno não precisa dar satisfação a ninguém, mesmo sabendo que eles sabem que ele sabe que eles sabem.

Não sei por que olhar primeiro o que está no canto do olho. Até um segundo antes da morte sou assim. De esguelha. Talvez pela beleza da palavra. A mulher de azul. “Se você não se levantar do chão em 3 segundos, conto pros seus pais hoje mesmo.” A de cabelo com *frizz*, nariz grande, lábios finos como se não tivesse mais nada a dizer, dar ou exigir, senão com o olhar duro. Sim, a de azul. Ora, eu não tenho pais, sou filha da ilusão!, quase me esqueço, dado o teor pueril da ameaça. A de vermelho pode ser sua irmã mais nova. O nariz e a boca fina em curva descendente sugerem serem irmãs, companheiras no rancor de uma vida toda. Quem mais comeria os próprios lábios? Com o passar dos anos mastigaram silenciosamente a carne até quase desaparecer.

---

<sup>1</sup> Ana Paula Pacheco é escritora e professora de Teoria Literária e Literatura Comparada na USP. Publicou contos em várias revistas, como *Piauí*, *Revista E* (Sesc), *Ficções*, *Ruído Manifesto*, *n-1*, *Zero*. Também publicou os livros: *A casa deles — contos* (Nankin, 2009), *Lugar do mito*, sobre a obra de Guimarães Rosa (Nankin, 2006) e *Ponha-se no seu lugar!* (Ática, Coleção Vagalume, 2020). Fez pós-doutorado em 2017 na Université Paris-Nanterre. E-mail: anapaulapacheco@usp.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6650-8622>

A mulher no centro, de *tailleur* bege — não bastasse ser um *tailleur*, não bastasse ser bege, era preciso somar numa mesma direção — é a mais satisfeita consigo mesma. Olha meu corpo desde o alto do seu esqueleto, nem gordo nem magro, recoberto com dignidade. Que palavra! Quero só ver quem ousa pronunciá-la no ar dos tempos. É a única a sorrir. Posso ler seus pensamentos, ou melhor, um único, escondido na coxa, por detrás de todos os outros: basta ser humana, segurar com firmeza uma bolsa de couro de crocodilo, ou de nylon, ou de couro ecológico, apegar-se a este ou a qualquer outro mastro para estar por cima de mim. Ela se julga viva e sorri para o contraste com meu corpo inanimado, quase asfalto depois da madrugada colado ao chão. Quem decide se estou morta? Há quanto tempo?

A plateia se dispõe em curva, imitando a superfície do planeta. Continuo a observá-los em contramergulho, como num filme ou num sonho. É preciso encarar os fatos: nem filme nem sonho, e deste à vigília, já foi possível imaginar algo melhor.

No canto esquerdo, pouco acima das cabeças, quatro estrelas de plástico ou de papelão amarelo espelhado, perto demais para estarem mortas. A cidade está enfeitada para o cortejo de fim de ano. Minhas asas quase se mexem com o pensamento. Mas não. Eles não estariam tão confiantes em duas patas se percebessem algum movimento. As asas coladas ao chão com sangue e penas, as asas cortadas pela fiação da avenida Paulista, quase em frente ao Conjunto Nacional, pesam tanto quanto cinco sacos de farinha. Já eram enormes, agora ganharam em peso mais do que muitos acumulam durante a vida.

O céu natalino é maciço como asfalto, entretanto ninguém olha pra cima ou abre um guarda-chuva contra o chumbo de Marte que vai cair já já. Se me levanto em sete minutos e bebo a tempestade prestes a desabar, aferro as enormes garras em seus dorsos e, com o restante do metal, ergo a cabeça sobre seus rostos ridiculamente humanos.

Alguns preferem voltar as costas. Têm suas razões pra isso. Fosse um passarinho, a imagem podia ser doce, comovente até. Com dois metros e patas peludas, torna-se assustadora. O bico adunco, partido ao meio, deve ter se afiado ao choque do chão duro. Espicaçaria em poucos segundos o fígado do moço no ponto de fuga à direita, ladeado pela mulher de saia rosa, blusa rosa e casaco laranja, em cujo corpo mesmo as cores fortes se apagam. O moço olha pra mim no seu melhor ângulo, brilhoso, a 45 graus, como se eu fosse a câmera profissional da revista *Vogue*, na oportunidade da sua vida. Do outro lado, seu lado esquerdo, ou o meu direito, o senhor de bigodes à Hitler usa um quepe da cor creme, ornando com o uniforme (deixou o paletó aberto, pensando garantir assim a indulgência de alguém no tribunal da história, ora, faça-me o favor). Em sete segundos eu devoraria e cuspiria de volta os três fígados vivos.

Separada deles todos por um vão também curvilíneo, que me garante algum fôlego — senão aos pulmões, pelo menos ao olhar —, a última mulher da curva, a da direita e, depois de outro intervalo, este mais breve, o homem de terno escuro, com cabelo à James Dean, à extrema direita, completam o meio compasso ao qual no momento se reduziu o universo. Triste fim, dirão meus amigos.

Todos me olham com indiferença e indiferentes nem sequer percebem que suas diagonais se cruzariam dali a quatro passos. Pouco importa. Enquanto seus pés afundam devagar no betume amolecido pelo dia, consigo erguer uma única garra e

com o ar que me resta pergunto ao aspirante a modelo de revista se eles não se incomodam com as bestas monstruosas, assomando sobre os rostos humanos como chapéus de abas largas sombreando o destino. Por que me olham, colada ao asfalto, em vez de olharem sobre suas cabeças as próprias monstras? Ele me responde com espanto não saber do que eu estou falando, donde concluo não terem consciência das outras Quimeras, coladas a eles como parte de seus corpos.